A GUERRA EM IMAGEM E TEXTO: A COLEÇÃO “QUADROS HISTÓRICOS DA GUERRA DO PARAGUAY”.

Álvaro Saluan da Cunha¹

QUESTÕES INTRODUTÓRIA E APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO “QUADROS HISTÓRICOS DA GUERRA DO PARAGUAY”

O historiador José Murilo de Carvalho (2009) há algum tempo chamava atenção para várias de lacunas presentes na história social da guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), a qual “quase nada sabemos sobre as consequências da guerra para a cultura cívica do país”. Porém, anteriormente, ainda nos anos 2000, o próprio autor organiza uma série de trabalhos voltados para o século XIX em geral, culminando no livro *Nação e cidadania no Império: novos horizontes* (2007), que tinha justamente como objetivo promover os estudos do Oitocentos ao buscar outras possibilidades a partir de novas fontes e abordagens. E este artigo segue justamente nesse fluxo, trazendo uma pequena introdução da pesquisa de mestrado intitulada “As litografias da coleção *Quadros históricos da guerra do Paraguay* na década de 1870: Projeto editorial e imagens”, executada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Para se estudar não só período bélico, mas todo o contexto imperial do século XIX, torna-se imprescindível o uso das inúmeras fontes primárias disponíveis, como os periódicos e produções impressas da época. Dentre elas encontra-se a coleção de litografias e textos, objeto de estudo desta pesquisa, os *Quadros históricos da guerra do Paraguay*. Neste breve artigo serão introduzidos alguns aspectos técnicos e descritivos da coleção, levantando pontos relacionados à sua produção e circulação.

¹ Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora financiado pelo CAPES.

A coleção foi produzida na cidade do Rio de Janeiro, então capital da Corte, constituindo-se de litogravuras acompanhadas de textos, vendidos inicialmente em fascículos, sendo anunciada através dos periódicos, a partir do início da década de 1870. Posteriormente, a coleção seria lançada em formato de álbum, em folio máximo e encadernada em *chagrin*, como em alguns dos exemplares encontrados. Em dois dos três álbuns consultados presencialmente, os da Biblioteca Nacional e do Museu Histórico Nacional estavam presentes apenas oito litografias, estando ausente a litografia sobre o *Combate naval do Riachuelo*, que consta no álbum completo presente no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e que figura nos anúncios como a litografia vinda no primeiro fascículo.

Somados, os nove números mais a introdução, esta sem litografia, reúnem quarenta e quatro páginas. Destas, nove são litografias e o restante consiste em narrativas textuais de episódios vitoriosos da Marinha e Exército brasileiro no conflito na região sul do continente. As gravuras são baseadas em pinturas históricas ou esboços feitos especificamente para a coleção. Boa parte dessas imagens pode ser encontrada em acervos digitais de forma avulsa, como nos sites do Museu Mariano Procópio² e na Biblioteca Digital Luso-Brasileira³. Algumas delas já foram utilizadas em uma série de trabalhos, embora não tenham sido contextualizadas como aqui estão, agrupadas.

Acredita-se que a coleção esteja disponível em outros acervos, devido a sua significativa circulação pelo país no século XIX, embora a pesquisa foque especificamente nos exemplares encontrados na cidade do Rio de Janeiro. Em uma das buscas efetuadas, por exemplo, foi possível encontrar um álbum com nome e descrição semelhante na Universidade de Coimbra, em Portugal. Todavia, a tentativa de contato não foi bem-sucedida.

É importante ressaltar que os fascículos e gravuras são posteriores ao conflito, sendo algumas delas datadas entre 1871 e 1874, embora essa questão não esteja representada nas catalogações ou nas próprias imagens, não sendo possível precisar as datas de publicação de cada fascículo. Não obstante, a coleção conta com uma série de dados imprecisos, algo muito corriqueiro na imprensa naquele momento, trazendo poucas informações sobre os criadores das litografias e textos, que serão analisados aqui a partir de uma densa busca nos periódicos, onde foi possível encontrar maiores informações para elucidar hipóteses levantadas ao longo da pesquisa.

² Neste site é possível encontrar boa parte do acervo do museu digitalizado. Ver mais em: <http://mapro.inwebonline.net/>. Acessado dia 23/02/2018.

³ Tendo um vasto acervo relacionados ao Brasil e a Portugal, a Biblioteca Luso-Brasileira conta com uma série de materiais para se estudar o século XIX. Ver mais em: <http://bdlb.bn.gov.br/>. Acessado dia 23/02/2018.

A tabela abaixo exibirá de forma mais imediata os artistas e escritores envolvidos no processo das imagens e textos, pontos que não serão abordados neste artigo, que preza por outros aspectos e, em suma, em apresentar o objeto. Os fascículos encontram-se na seguinte ordem⁴:

TABELA 1 – OS QUADROS HISTÓRICOS DA GUERRA DO PARAGUAY

Nº	Título da litografia	Baseada em óleo de	Desenhista	Litógrafo	Título do texto	Escritor
Intro	sem litografia	-	-	-	<i>Introdução</i>	Cesar Muzzio ⁵
1	<i>Combate naval do Riachuelo</i>	-	Ângelo Agostini	Alf. Martinet	<i>O combate naval do Riachuelo</i>	*
2	<i>A Rendição de Uruguayana</i>	Pedro Américo	Ângelo Agostini	J. Reis Litógrafo / Souza Lobo	<i>A Rendição de Uruguayana</i>	A. E. Zaluar
3	<i>O ataque da ilha da Redempção</i>	Pedro Américo	-	J. Vitorino Litógrafo / A. de Pinho	<i>O ataque da ilha do Cabrita ou da Redempção</i>	Coronel Pينهeiro Guimarães
4	<i>Assalto e ocupação de Curuzu</i>	Victor Meirelles	-	Huascar, editada por Fíguro	<i>A passagem do Curuzú</i>	Dr. Ferreira de Menezes
5	<i>A passagem de Humaitá</i>	Victor Meirelles	-	Souza Lobo	<i>A passagem de Humaitá</i>	Felix Ferreira
6	<i>Passagem do Curuzu</i>	Eduardo De Martino	R. Pontremoli	Alf. Martinet	<i>A tomada de Curuzú</i>	Felix Ferreira
7	<i>O reconhecimento de Humaitá</i>	Eduardo De Martino	R. Pontremoli	-	<i>O Reconhecimento do Humaitá</i>	Dr. Ferreira de Menezes
8	<i>O Passo da Pátria</i>	Victor Meirelles	-	-	<i>A passagem do Passo da Pátria</i>	Coronel Pينهeiro Guimarães
9	<i>Ataque e tomada do Establecimiento</i>	Eduardo De Martino	R. Pontremoli	-	<i>Tomada do forte do Establecimiento</i>	Felix Ferreira

⁴ Ordem e nomes baseados nos dados cruzados disponíveis no Arquivo Geral do Rio de Janeiro, no catálogo da *Exposição de História do Brasil*, de 1881 e no jornal *Monitor Campista*, n. 282, 15/07/1882, p. 3. Isso não necessariamente define que todas as possíveis reproduções sejam feitas pelas mesmas oficinas litográficas, algo que será analisado ao longo da dissertação.

⁵ De acordo com alguns anúncios em periódicos que serão mostrados a seguir, a *Introdução* era vendida juntamente com o primeiro fascículo do *Combate naval do Riachuelo*. É possível que a autoria do texto também seja de Cesar Muzzio.

PRODUÇÃO

Já bem delineada em 1860, a imprensa da Corte era ligada ao cotidiano popular, embora até então refletisse muito dos costumes da elite letrada em uma relação ainda verticalizada. O movimentado porto do Rio de Janeiro era extremamente importante para a circulação de matérias-primas, livros, periódicos estrangeiros e outras imagens e matrizes litográficas que agitavam ainda mais o ambiente intelectual ilustrado. Isso exigia das casas litográficas e da imprensa no geral uma maior qualidade e destreza na elaboração dos periódicos e imagens, que circulavam em suas mais variadas formas. Dessa maneira, também se tornava possível a circulação de litografias brasileiras em nações ultramarinas, algo inovador para o período e que será ilustrado a seguir.

A guerra da Tríplice Aliança foi o momento em que se teve maior o maior destaque, ainda que com alguma latência, dos periódicos ilustrados, que traziam cenas do conflito para as páginas dos jornais, revolucionando a forma com a qual as notícias e imagens eram consumidas pela população. Já no pós-guerra, coleções e álbuns como os *Quadros históricos da guerra do Paraguai* eram feitos para celebrar os êxitos da Tríplice Aliança, enfatizando-se os brasileiros, em campo de batalha. Seja pela Marinha ou pelo Exército, essas coleções explicitavam os principais personagens presentes e as passagens por meio de suas imagens, legendas e textos mais detalhados que, não necessariamente, tratavam a imagem que os acompanhavam.

A partir do contato direto com as fontes primárias e a leitura de uma vasta bibliografia de referência, foi possível perceber algumas das formas pelas quais essa coleção circulava na Corte e em outras províncias, sendo adquirida através de anúncios feitos nos periódicos mostrados a seguir. Era possível adquirir as litografias avulsas por meio dos anúncios feitos nesses jornais, por oficinas litográficas que se dispunham a vender os fascículos completos ou apenas as gravuras ou, posteriormente, a encadernação completa. A isso pode-se atribuir a causa de muitas destas imagens serem encontradas separadas em outros acervos, sobretudo se analisarmos algumas inconstâncias da imprensa no período, haja vista que os exemplares que não circulavam geralmente eram reaproveitados para criar novos álbuns ou revendidos por um preço mais modesto.

Também era muito comum que certas edições se esgotassem rapidamente e fossem reimpressas. Nesses casos, os prelos reimprimiam as edições, muitas já removidas das pedras litográficas, culminando em um novo processo de desenho e impressão, o que pode justificar os diferentes tipos de fonte nos textos e algumas pequenas modificações nas gravuras. Sobre os casos de reimpressão, há um citado no editorial periódico *A Vida Fluminense*⁶, que ilustra bem a situação, ao anunciar que a grande procura que os seus sete primeiros volumes teve os obrigaram a reimprimi-los. Todavia, esse trabalho, mesmo feito em grande

⁶ *A Vida Fluminense*: folha joco-seria-illustrada, n. 8, 22/02/1868, p. 88.

escala, não era capaz de satisfazer a todos os pedidos recebidos. Isso aconteceu, pois, boa parte das pedras litográficas utilizadas já não existiam mais, tendo de ser todas elas redesenhadas. Sendo assim, é possível levantar a hipótese de que algumas das outras versões encontradas em avulso ou até mesmo álbuns com distinções na formatação possam ser originados justamente por esse problema, passando por novas impressões, geralmente pelas mãos de outros desenhistas e artistas, seguindo apenas os textos como um ponto em comum que não foi alterado. Ao longo desta parte buscar-se-á explicar essa hipótese.

Sabe-se que, através dos anúncios encontrados, a coleção estava relacionada aos editores responsáveis pelo periódico ilustrado *A Vida Fluminense*⁷, os senhores A. de Almeida & C. – Antônio Pedro Marques de Almeida e Augusto de Castro –, sendo o primeiro padrao do posteriormente membro dessa sociedade, o desenhista Angelo Agostini (AUGUSTO, 2009: 2).

Ao longo das investigações feitas nos jornais, foi possível perceber determinadas incongruências nas informações acerca das oficinas litográficas que executaram os desenhos, bem como a formação da própria coleção. Um exemplo que ajuda a entender e ilustrar melhor os desejos iniciais dos editores na criação da coleção encontram-se registrado no *Jornal da Tarde*⁸, periódico que circulou no Rio de Janeiro. Ele anunciava em sua seção “Gazetilha”, a chegada dos fascículos, dedicando uma parte de sua segunda página para falar mais sobre como se daria a coletânea, enfatizando o desejo de se comemorar as glórias brasileiras por meio das gravuras e textos e outros aspectos.

Tais pontos se repetem em outro anúncio feito no dia 8 de fevereiro do mesmo ano e no mesmo *Jornal da Tarde*⁹, que citava novamente, agora em uma parte voltada a anúncios de produtos na última página, a coleção *Quadros históricos da guerra do Paraguay*, dando maiores informações. Complementar ao primeiro comunicado feito, aborda com mais detalhes pontos como valores, forma de pagamento, material utilizado e compra exclusivamente por meio de assinatura, algo que também parece não ter sido levado adiante. Afinal de contas, os editores precisavam vender, não podendo delimitar as formas de compra. Essa ideia pode ter sido inicialmente aplicada para que a coleção não sofresse com problemas financeiros e, conseqüentemente, atrasos. Além disso, destaca novamente a importância de se fazer uma coleção que exalte os feitos no teatro de guerra, buscando conservar a gloriosa memória brasileira nos campos de batalha ante o ditador Solano López, tido como o “demônio vivo”. Enfatiza também a escolha dos editores em selecionar os episódios mais importantes, os melhores desenhistas e os escritores mais letrados. Novamente a questão da circulação da coleção é levantada, agora com mais detalhes, saindo por meio de assinaturas feitas de doze em doze fascículos, todos feitos em papel de folio máximo (tamanho semelhante a

⁷ No período de 1868 a 1875, a redação da revista ocupou, respectivamente, os sobrados de números 59, 52 e 50 da tradicional Rua do Ouvidor, na região central do Rio de Janeiro.

⁸ *Jornal da Tarde (RJ)*, n. 24, 28/01/1871, p. 2.

⁹ *Jornal da Tarde (RJ)*, nº 33, 08/02/1871, p. 4.

um jornal contemporâneo), ou seja, em tamanho aproximado ao das gazetas, utilizando o espaço total das páginas. O referido anúncio mostra que, a princípio, os desenhos ficariam a cargo do hábil lápis de Angelo Agostini, que já havia sido incorporado ao periódico *A Vida Fluminense* por um breve período. Mas, percebe-se, ao longo das descrições dos fascículos encontrados e das gravuras avulsas, o nome de outros impressores e outros desenhistas. Esse anúncio repetiu-se em mais dois números do mesmo jornal, ainda no mesmo ano: em 18 e 28 de fevereiro, respectivamente nos números 42 e 49.

Outro aspecto a ser destacado nestes dois anúncios é que a coleção se constituiria inicialmente de vinte e quatro gravuras, divididas igualmente entre passagens da Marinha e do Exército. Todavia, em outros anúncios posteriormente veiculados e catálogos remetentes à coleção, fala-se apenas nas nove imagens citadas no início do artigo, que mesclam as duas armas. Essa também é uma questão muito comum da imprensa no período, que tinha total liberdade de alterar seus planos, seja pelo baixo índice de assinaturas, divergências entre os editores, dificuldades para se executar os desenhos ou até mesmo pelo fim ou modificação na direção da empresa responsável.

CIRCULAÇÃO

A possibilidade da divulgação das vitórias brasileiras por meio de fascículos e, posteriormente álbuns, bem como o papel diplomático e propagandístico de um império consolidado e vitorioso para além das fronteiras da Corte já era algo comum, sobretudo pela melhoria gradativa nas condições de transporte advindas do crescente processo de modernização no país. Por meio das pinturas históricas via-se que o projeto era promissor, sendo óbvia a cogitação de que as gravuras elevariam exponencialmente esse poder, expandindo as traduções feitas em preto e branco de grandes obras em imagens menores, do tamanho de uma folha de jornal, chegando a várias províncias e até mesmo a nações longínquas, como veremos a seguir.

Um registro presente nos *Cadernos do Centro de História e Documentação Diplomática*¹⁰, relata, em uma circular assinada em 1872, que as litografias também circulavam pelo meio diplomático, sendo entregue a legações de diversos países, constituindo um reflexo da constante evolução nacional, observada a partir da segunda metade do XIX. Com isso, constituía-se um processo propagandístico da imagem de nação civilizada no âmbito internacional, presente tanto na divulgação das vitórias na guerra, quanto na produção artística de um país que gradativamente se constituía.

Alguns fascículos foram adquiridos por ministérios do Império e enviados para outras províncias, através de ofícios de requerimento ou como prêmios, com o intuito de se difundir a coleção e potencializar

¹⁰ *Cadernos do CHDD* / Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática. Ano 3, n.5. Brasília, DF: A Fundação, 2004, p. 32.

o acesso aos episódios da guerra, exercendo assim o seu papel pedagógico na consolidação de uma imagem vitoriosa da monarquia, na tentativa de se criar uma identidade nacional a partir destes episódios que glorificavam o país. Algumas destas compras foram divulgadas nos *Balanços da Receita e Despesa do Império* entre 1875 a 1883, chegando a custar aos cofres públicos o total de 17:000\$000 de réis entre compras feitas pelos ministérios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, do Império, da Guerra e da Marinha¹¹.

Percebe-se a partir destes dados que os ministérios foram extremamente importantes para a circulação e financiamento da coleção, gastando altas quantias que, a título de comparação, superavam o valor de um escravo de sexo masculino, entre 15 a 33 anos, que era, em média, de 1:635\$909 réis (MARCONDES; MOTTA, 2001). Mesmo sendo editada em âmbito privado, vale considerar que, assim como o custeio das pinturas históricas era diretamente atrelado ao Império e as forças armadas, pode-se perceber aqui, mesmo que de forma distinta, o empenho de alguns ministérios em adquirir e financiar o material. Geralmente enviavam fascículos para outras províncias requisitantes ou davam como forma de premiação em alguns concursos de instrução primária e secundária. No entanto, isso não significa que os periódicos e coleções fossem diretamente controlados pela Coroa. A efeito de comparação, ao contrário do Brasil, onde parte da imprensa era, ainda que discretamente financiada pelo Império e seus Ministérios – como o caso da própria coleção aqui estudada, a imprensa paraguaia era diretamente controlada e financiada pelo Estado, que comandava e custeava boa parte da produção da imprensa, manipulando a opinião pública e auxiliando o moral as tropas paraguaias no *front* (TORAL, 2001).

Em 1873, por meio da sessão “Parte Oficial – Expediente do Governo do dia 18 de agosto”, veiculado apenas no dia 22 do mesmo mês abaixo do subtítulo “Officios”, o *Jornal do Pará* mostrava o requerimento feito e endereçado ao bibliotecário público com os dizeres:

- Ao bibliothecario publico. –

Remetto-lhe o 1.º fasciculo dos quadros historicos da guerra do Paraguay, que faltava para completar a obra existente n’essa biblioteca, e acaba de ser-me enviado pelo ministerio da guerra á quem solicitei por officio de 25 de junho último¹².

¹¹ *Balanço da Receita e Despesa do Imperio*, no Exercício de 1872-1873. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875; *Balanço da Receita e Despesa do Imperio*, no Exercício de 1873-1874. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1876; *Balanço da Receita e Despesa do Imperio*, no Exercício de 1874-1875. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1877; *Balanço da Receita e Despesa do Imperio*, no Exercício de 1875-1876. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878; *Balanço da Receita e Despesa do Imperio*, no Exercício de 1876-1877. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1879; *Balanço da Receita e Despesa do Imperio*, no Exercício de 1877-1878. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1880; *Balanço da Receita e Despesa do Imperio*, no Exercício de 1880-1881. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

¹² *Jornal do Pará: Orgão Official*, n. 189, 22/08/1873, p. 1.

Já no ano de 1874, novamente o jornal veiculara, no dia 13 de agosto, na mesma sessão, o “Expediente do Governo do dia 8 de agosto”, desta vez recebendo mais fascículos:

- Ao director do lyceo paraense e da escola normal (...) – Remeto á vmc., para a biblioteca publica um exemplar do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º fasciculo dos quadros historicos da guerra do Paraguay, que com esse destino acabam-se de ser-me enviados pela secretaria d’estado dos negocios do imperio¹³.

O *Jornal do Pará* exemplifica a questão das solicitações via ofício, dos envios e do remanejamento dos exemplares recebidos pelo Órgão Oficial, que repassava ao Liceu Paraense e a Escola Normal, cerca de dois anos após o início da divulgação da coleção, em 1871. Existem uma série de exemplos que ajudam a compreender melhor a circulação dentro do país, mas, devido a limitação deste espaço, este trabalho se limitará a tratar apenas dos exemplos dados acima. Todavia, é possível admitir, a partir de anúncios encontrados em periódicos de vários estados brasileiros, que essas imagens foram para o Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e cidades do interior do estado do Rio de Janeiro. Provavelmente a coleção teve um alcance muito maior, mas as buscas feitas na Hemeroteca Digital só conseguiram apresentar estes casos.

O que se percebe e se confirma a partir dessas informações é que já ocorria no Brasil uma significativa circulação de periódicos e gravuras pelas províncias e até mesmo em outras nações, “criando uma espécie de rede que interligava os círculos letrados: por esses impressos as pessoas se aliavam, se insultavam e se conheciam, manifestando-se publicamente” (MOREL; BARROS, 2003: 47), o que formula um espaço social de grande relevância, ainda que em um primeiro momento restrito a um público letrado, mas passado oralmente para a população em geral. Conclui-se a partir dessa breve introdução que a coleção *Quadros históricos da guerra do Paraguay* consegue com êxito mostrar o sucesso do mercado editorial e de gravuras no país, fazendo parte da bem-sucedida, embora complexa imprensa brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos P. (orgs). *Repensando o Brasil do Oitocentos; cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

¹³ *Jornal do Pará: Orgão Oficial*, n. 181, 12/08/1874, p. 1.

CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

AUGUSTO, José Carlos. A Vida Fluminense, “folha joco-séria-illustrada” (1868-1875). Curitiba: *XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1235-1.pdf>. Acessado dia 04/03/2018.

COSTA, Carlos Roberto da. *A revista no Brasil, o século XIX. Tese* (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

MARCONDES, Renato Leite; MOTTA, José Flávio. Duas fontes documentais para o estudo dos preços dos escravos no vale do Paraíba Paulista. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2001, v. 21, n. 42.

TORAL, André Amaral. *Imagens em desordem: a iconografia da guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo: Humanitas FFLCH USP, 2001.

MOREL, Marco, BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.